



Uma análise circunstancial do fim do Jornal Correio Popular de Imperatriz - MA¹

ALMEIDA, Domingos Alves de (Graduando)²

ASSIS, Jhene Silva de (Graduanda)³

CASTRO, Mariana de Sousa⁴

FERREIRA, Idayane da Silva (Graduanda)⁵

SANTOS, Bruna Viveiros dos (Graduanda)⁶

SOUZA, Francisca Daniela dos Santos (Graduanda)⁷

ASSUNÇÃO, Thays (Mestranda-Orientadora)⁸

BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de (Mestranda-Orientadora)⁹

Universidade Federal do Maranhão – UFMA- Imperatriz – MA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as circunstâncias que contribuíram para o fim da circulação do periódico *Correio Popular de Imperatriz - MA*, em dezembro de 2013. Para tanto, foi realizada pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e entrevistas com pesquisadores da mídia local e com profissional que atuou no Jornal. Por meio da pesquisa documental foram consultados alguns exemplares do Jornal, quando seu nome ainda era *Correio de Imperatriz*. Por meio desse estudo, observou-se que os jornais impressos de Imperatriz surgem para atender interesses de grupos políticos. Cessados esses interesses, findam-se também sua circulação. Portanto aponta-se para a efemeridade como uma característica comum aos impressos do município.

PALAVRAS-CHAVE: História; Jornal Correio Popular; Imperatriz - MA.

INTRODUÇÃO

Durante décadas, a hipótese de o jornalismo impresso deixar de existir foi ignorada e, de fato, ele poderá não desaparecer totalmente, mas apresenta sinais de enfraquecimento com o fim de muitos periódicos conceituados que deixaram de circular no país.

¹Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 02 a 04 de julho de 2015.

²Acadêmico de Comunicação Social /Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA - Imperatriz. Email: domingos.jzufma@gmail.com.

³Acadêmica do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFMA. E-mail: jheneassis@gmail.com

⁴Acadêmica do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do CCSST/UFMA - campus Imperatriz. E-mail: maryscastro@gmail.com

Acadêmica do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFMA. E-mail: i.dayane@hotmail.com

⁶Acadêmica do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFMA. E-mail: bruna_viveiros@hotmail.com

⁷ Acadêmica do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFMA. E-mail: dhaniela_f@hotmail.com.

⁸Orientadora do trabalho. Mestranda em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. E-mail: thays.jornalista@gmail.com

⁹Orientadora do trabalho. Mestranda em jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG. E-mail: brito.n.c.r@hotmail.com



O jornalista e historiador imperatrizense Adalberto Franklin explica os possíveis motivos para a crise que vive atualmente a mídia impressa. Para ele, os jornais precisam verificar o seu papel no mundo contemporâneo da mídia eletrônica, uma vez que as informações chegam ao leitor antes do jornal. A mídia impressa “já era ultrapassada pela televisão, hoje até a televisão está atrás na questão da velocidade da informação, comparada à produzida na internet” (FRANKLIN, 2014¹⁰).

Revistas de referência nacional, jornais centenários com tradição e respeito de leitores até mesmo no exterior, desapareceram. Outros deles migraram para as plataformas online, como a versão impressa do tradicional *Jornal do Brasil* (JB), que no ano de 1995 foi o pioneiro. O periódico, que marcou os anos dourados da imprensa brasileira foi considerado uma das mais criativas escolas de jornalismo do país (ROCHA, 2011). Fundado em 1891, o JB impresso deixou de circular em 1º de setembro de 2010, ou seja, 119 anos depois de sua primeira edição. Migrando para a plataforma online, tornou-se o primeiro veículo impresso 100% digital do país.

Enquanto essas mudanças aconteciam em cenário nacional, no interior do país jornais impressos começavam a aparecer em grande escala¹¹. Em Imperatriz, município localizado no Oeste do Maranhão, no ano de 2009, surge o jornal *Correio de Imperatriz*, com distribuição gratuita. Posteriormente passa a se chamar *Correio Popular* e a cobrar pela aquisição, em março de 2011.

Vendido inicialmente pelo valor simbólico de 0,25 centavos, o jornal *Correio Popular* trazia em sua primeira edição a proposta de um jornalismo dito diferenciado, com informações objetivas e bem pesquisadas (MACIEL, 2011). “[...] metade colorido, dando à notícia as cores que ela tem em todos os seus meandros; e a outra metade preta e branca, que é como a comunicação dos fatos deve chegar ao leitor. O preto no branco [...]”, frisava o seu primeiro editorial, pontuando, ainda, que esse aspecto o tornava mais atraente que seus concorrentes.

Segundo Maciel (2011), o veículo apresentava, no ano de 2011, as seguintes características:

¹⁰ Entrevista concedida pelo jornalista e historiador Adalberto Franklin em abril de 2014.

¹¹ Entre os anos de 2000 e 2010, considerado a terceira fase da imprensa imperatrizense, são registrados 89 jornais, sendo 14 Institucionais, 20 de Interesse Geral, 05 Políticos, 01 Rural, 08 da Prefeitura Municipal, 16 de Educação, 10 Religiosos, 04 Sindicais, 04 Estudantis, 05 de Bairros, 01 da Imprensa e 01 de Negócios (ASSUNÇÃO, 2011).



O *Correio Popular* é tablóide, tem mantido o número de 12 páginas, sendo colorido na capa, contracapa e nas páginas centrais. As manchetes, sempre com letras garrafais, caixa alta, realçadas em branco, na maioria das vezes trazem notícias de crimes ou problemas estruturais, como as enchentes e seus prejuízos (MACIEL, 2011, p. 2).

No início do ano de 2013, o *Correio* passou por uma reformulação no seu projeto gráfico e na estrutura organizacional da redação com a contratação de novos jornalistas. Começou a produzir também matérias próprias, inclusive, de furos e denúncias. Embora não tenha deixado de reproduzir integralmente *releases* de assessorias, principalmente do Governo estadual e da Prefeitura de Imperatriz.

O Jornal ganhou uma nova cara, e com o crescimento da credibilidade, ao final do segundo semestre, inaugurou sua sede, localizada no centro da cidade, em uma edificação maior, moderna, com novos equipamentos, quadro de funcionários ampliado e com expectativa de se tornar o principal jornal da cidade, superando o seu concorrente, o jornal *O Progresso*.

Em dezembro do mesmo ano, o Jornal comunicou aos seus assinantes que estaria em recesso para festividades de final de ano, no intervalo de 23 de dezembro de 2013 a 06 de janeiro de 2014, mas não retornou, anunciando o fim da circulação definitivamente em março de 2014.

O presente trabalho tem por objetivo geral compreender as circunstâncias que contribuíram para o fim da versão impressa do jornal *Correio Popular*, e propõe os seguintes objetivos específicos: traçar o histórico do jornal; compreender o perfil e o fazer jornalístico do periódico.

Para a realização deste trabalho, adotou-se uma abordagem qualitativa ao utilizar a pesquisa bibliográfica sobre o histórico da imprensa escrita no Brasil, voltando-se para o contexto de Imperatriz – MA, foram realizadas entrevistas com pesquisadores da mídia local e com uma ex-profissional do *Correio Popular*.

IMPrensa MARANHENSE

O processo de colonização do Brasil abriu caminhos para o desenvolvimento das atividades tipográficas, na então colônia da Coroa Portuguesa. No entanto, a criação dessa cultura impressa não surgiu nos primeiros anos de domínio de Portugal sobre o Brasil. De acordo com a pesquisadora Roseane Pinheiro (2007), somente 276 anos após a chegada dos portugueses deu-se início às primeiras atividades da imprensa escrita em terras brasileiras. Superados os séculos de atrasos no processo de desenvolvimento da



imprensa escrita, o país consolida suas produções impressas e surgem grandes corporações midiáticas na década de 1960.

No Estado do Maranhão, a imprensa também nasceu tardia, e o marco para o início dos trabalhos das tipografias é novembro de 1821, quando foram dados os primeiros passos na publicação do jornal *O Conciliador do Maranhão*, que circulou na capital São Luís até julho de 1823.

O desenvolvimento da imprensa no Maranhão começou em 1821, na cidade de São Luís, localizada no extremo norte do Estado, concentradora até então das principais atividades comerciais da região, chegando a ter o quarto porto exportador do Brasil (PINHEIRO *apud* ASSUNÇÃO, 2007, p. 45).

Para Pinheiro (2011, p.210), *O Conciliador do Maranhão*, ou simplesmente ‘O Conciliador’ nasceu “no rastro da liberdade de prelo, do liberalismo e às portas da emancipação do Brasil”, tendo como causa a defensoria do pacto colonial. Em suas páginas, o jornal trazia opinião e informação intercaladas às leituras que o periódico fazia sobre o cotidiano da cidade de São Luís.

As atividades comerciais do estado, realizadas principalmente no porto de São Luís, por onde entravam e saíam mercadorias e as tímidas transformações sociais e econômicas registradas no norte do Maranhão, impulsionaram a criação de um veículo impresso, seguindo o exemplo de algumas cidades do sudeste brasileiro, que já apresentavam produções impressas mais consistentes.

Historicamente, a imprensa do Maranhão surgiu ligada ao poder, a exemplo do pioneiro, *O Conciliador*, um jornal oficial que atendia aos interesses do Governo da Província. Nesse aspecto, enfatiza Pinheiro (2011, p. 210), “a imprensa ter bandeiras não é um fato novo”. Independente da linha ideológica dos veículos impressos, eles se configuram como fontes essenciais, consultadas para pesquisas históricas de reconstrução de contextos políticos, econômicos e sociais, por serem documentos que guardam vestígios da história nas letras impressas em suas páginas.

Os periódicos se apresentam ainda como caixa de ressonância da realidade onde está inserido, conforme explica Assunção (2007):

Eles [jornais impressos] possuem textos que abordam o cotidiano de uma sociedade e deixam pistas sobre as suas relações com as instâncias de poder. A partir das letras impressas é possível visualizar traços significativos dos discursos traçados e irradiados no cotidiano de uma sociedade (ASSUNÇÃO, 2007, p.11).



Conceder aos jornais escritos o caráter de fonte documental permite apreender aspectos de um cotidiano não vivenciado, que apenas os relatos deixados pelos impressos permitem conhecer, e nesse panorama, o papel do profissional jornalista é fundamental. Kischinhevsky (2010) explica que “o jornalista é hoje um cronista das pequenas histórias do dia-a-dia, que no futuro se tornarão matéria-prima dos historiadores e ajudarão as futuras gerações a entender o nosso tempo”,¹².

No município de Imperatriz, localizado no oeste do Maranhão, nas proximidades dos estados do Pará e Tocantins, a imprensa escrita começa a dar seus primeiros passos com o jornal *O Alicate*, fundado em 1932 por Antônio José Marinho. A circulação do periódico dependia dos acontecimentos da época e da conveniência de serem espalhados por alguns pontos da cidade (ASSUNÇÃO, 2011).

A pesquisadora Thays Assunção (2011), em levantamento sobre o jornalismo impresso local, classificou a imprensa imperatrizense em três fases. Sobre os primórdios, ela escreve:

A primeira fase da imprensa de Imperatriz, compreendida entre os anos de 1932 e 1964, retoma o período de nascimento da palavra impressa na cidade. Nesse momento é registrada a circulação dos quatro primeiros jornais da cidade, *O Alicate* (1932), *A Luz* (1936), *O Astro* (1949) e o *Correio do Tocantins* (1964) (ASSUNÇÃO, 2007, p. 16).

A segunda fase da imprensa escrita de Imperatriz tem início a partir de 1970, com o surgimento do jornal *O Progresso*. Esse período é encerrado em 1989, sendo considerado o mais significativo em relação ao aparecimento de veículos impressos na cidade. Enquanto na década de 1970 circulam em Imperatriz seis títulos, durante os anos 1980 são registrados 49 jornais.

A terceira fase, compreendida entre os anos de 1990 a 2010, é considerada a fase de consolidação da imprensa imperatrizense. Verificando-se a multiplicação de impressos, a migração dos jornais para a internet e a significativa intervenção dos jornais no cenário político de Imperatriz.

CORREIO DE IMPERATRIZ & CORREIO POPULAR

¹² Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/um-tributo-ao-jornal-do-brasil>



Com o intuito de ser um veículo que pudesse chegar a toda a sociedade imperatrizense passa a existir, no início de outubro de 2009, o periódico *Correio de Imperatriz*. Com circulação semanal, era veiculado gratuitamente em suas primeiras edições. Somando 12 páginas e com editorias nem sempre fixas que eram alternadas conforme a demanda de notícias.

Tabela 01: Aspectos gerais do Jornal *Correio de Imperatriz*

Ano/nº da edição/data	Nº de páginas	Nº de editorias	Editorias	Veiculação	Distribuição
Ano 1 Edição 02 17 de outubro de 2009	12	07	Opinião; Geral; Meu Bairro; Entretenimento; Economia; Pelo Brasil; Esportes;	Diária	Gratuita
Ano 1 Edição 03 24 a 30 de outubro de 2009	12	10	Opinião; Meu Bairro; Cidade; Entretenimento; Mercado; Pelo Brasil; Cultura; Especial; Esporte.	Semanal	Gratuita

Fonte: Jornal *Correio de Imperatriz*, 2009.

O impresso de conteúdo local seguia um padrão de reportagens curtas e pouco humanizadas¹³ e continha significativa quantidade de *releases* de assessoria. As editorias de entretenimento e de esportes eram substancialmente focadas nos acontecimentos destacados em *sites* de veiculação nacional. Tempos depois de sua fundação, o jornal *Correio de Imperatriz* deu início a uma linha sensacionalista, se tornando um veículo popular na segunda maior cidade maranhense.

De formato tablóide, com capa colorida, o impresso seguia uma linha de oito chamadas, somadas à manchete. A diagramação era leve, sem muitos textos na capa, com um jogo de cores em azul, vermelho e branco. No interior do jornal as notícias de cunho nacional, estadual e regional eram alternadas nas publicações semanais.

¹³O jornalismo humanizado é uma produção jornalística com linguagem que usufrui de recursos literários e valoriza os personagens. Sua essência são as ações humanas (ALVES e SEBRIAN, 2008).

Figura 01 e 02 (esq./dir.) – Capas do jornal Correio de Imperatriz. Ano I: edição 02 de 17 de outubro e edição 03 de 24 a 30 (semanal) de outubro de 2009.



Dois anos depois, no dia 1º de março de 2011, o jornal muda seu nome para *Correio Popular* e lança sua primeira versão paga, vendida pelo valor simbólico de 0,25 centavos.

Tabela 01: Aspectos gerais do Jornal Correio Popular

Ano/edição/data /	Nº de páginas	Nº de editorias	Editorias	Nº de colunas	Colunas	Veiculação	Distribuição/Valor
Ano I. Edição 01. 01 de março de 2011.	12	05	Painel; Gera 1; Fala Cidadão; Serviço; Esporte.	04	Espaço Cidadão; Passatempo; Ti-ti-ti; É D' mais.	Diária (exceto às segundas - feiras)	Pago/R\$ 0,25

Fonte: Jornal Correio de Popular, 2014.

O jornal segue sem alterar a linha sensacionalista, artifício usado para atrair a atenção dos leitores, com a capa em cores vibrantes (azul e vermelho), e letras garrafais destacando a manchete “Assassinado”. Adiciona, ainda, uma mulher semi-nua ao canto



esquerdo, que convida o leitor a saber mais sobre a renovação do seguro do bumbum da *funkeira* Mulher Maçã, por exemplo.

Maciel (2011) pontua que as capas das demais edições, em geral, traziam assuntos da editoria de polícia e fofocas de famosos como forma de conquistar o leitor.

Houve, em algumas edições, uso de fotografia de corpos na capa e até de suicidas. [...] outro expediente comum era o de sempre trazer a foto de uma celebridade seminua na capa, relacionada a notícias de fofoca. Esportes, celebridades, jornalismo de serviço e notícias policiais são, portanto, os temas mais comuns em todas as capas (MACIEL, 2011, p. 2-3).

Também presente na capa, o editorial descreve o objetivo popular do jornal. “Feito em Imperatriz, o novo diário brasileiro se propõe a ter a marca da comunidade”. Intitulado por Trocando em Miúdos, o editorial explica que o *Correio Popular* pretendia estar presente em todas as classes sociais.

O Correio Popular já nasce ousado. O negócio não é sustentar-se pelo valor do exemplar: o troco do pão, a moeda que sobra de um pacotinho de petas. O bom de fazer o Correio Popular é que ele será sempre bem feito, com amor, dedicação, pensado e entregue a todas as classes sociais. De Dr. Pacheco ao Chico Padeiro, da Marinete da UFMA à Lourdes dona de casa, do Zé do Peixe à Chica Faxineira (CORREIO POPULAR, editorial, número 1, 01/03/2011).

A primeira edição do jornal se divide nas editorias *Painel*, um apanhado de notas sobre notícias internacionais, nacionais e regionais; *Geral*, com notícias sobre política, saúde, etc; *Serviço*, com informações sobre a economia nacional, vagas de emprego e concursos públicos; *Fala, cidadão! A voz da comunidade*, um dos grandes diferenciais do jornal *Correio Popular*, pois comprova o caráter popular proposto pelo periódico, com diversas matérias de denúncia social a favor da população; e *Esporte*, com matérias regionais e nacionais sobre futebol.



Figura 03 e 04 (esq./dir.) – Capas do jornal *Correio Popular*. Edição 01, ano I de 01 de março de 2011 e edição 821, ano III de 24 de dezembro de 2013.



O jornal trazia também quatro colunas, são elas: *É D'mais*, página colorida presente no meio do periódico como uma coluna social com notas e foto-legendas sobre a alta sociedade Imperatrizense; *Ti-ti-ti*, que se concentra, também, ao meio do jornal em página colorida com notas sobre a vida dos famosos, novelas e programas de televisão; *Passatempo*, com brincadeiras, cruzadinhas e piadas; e o *Espaço Cidadão*, composto por notinhas sobre direitos do cidadão.

Com uma equipe de sete jornalistas, dos quais apenas um possuía formação acadêmica em jornalismo, o *Correio Popular* ainda apresentava falhas. Um exemplo é a revisão superficial, comprovada pelos constantes erros de ortografia, como concordância, infinitivo, crases e vírgulas. Além disso, nota-se a excessiva quantidade de matérias replicadas de sites nacionais, explicada pela estrutura ainda pequena e reduzida quantidade de profissionais para produção jornalística própria. Desta forma, veiculavam notícias factuais e de curto desenvolvimento, além de reproduzir integralmente *releases* de assessorias.

Apesar disso, a transição para *Correio Popular* modificou também o seu fazer jornalístico. Embora tenha mantido elementos sensacionalistas, como a utilização de fotos de corpos e as manchetes sobre crimes, a equipe de profissionais foi



razoavelmente ampliada, em relação ao *Correio de Imperatriz*, e a diagramação se tornou mais atrativa.

No dia 1º de abril de 2012, o jornal *Correio Popular*, com uma tiragem de 1.500 exemplares, passa a ser vendido por R\$ 1,00. Entretanto, a mudança não foi somente no preço do impresso, mas também nas páginas do jornal, que teve seu projeto gráfico reformulado, contratou uma jornalista como editora-chefe e fez convênio com a Universidade Federal do Maranhão – UFMA para receber estagiários do curso Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

A partir de janeiro de 2013, o tablóide passou a custar R\$ 1,50 e sua tiragem foi ampliada para 2.500 exemplares. Nesse momento, o jornal *Correio Popular* aperfeiçoa seu projeto gráfico e dá um passo importante ao contratar jornalistas formados para compor a redação.

Tabela 01: Aspectos gerais do jornal Correio Popular

Ano/edição/data/	Nº de páginas	Nº de editorias	Editorias	Nº de colunas	Colunas	Veiculação	Distribuição /Valor
Ano III. Edição 818. 24 de dezembro de 2013.	12	05	Painel; Geral; Maranhão; Serviço; Esporte.	08	Corneta Popular; Coluna do Sanches; Aqui Imperatriz!; Vitrine; Passatempo; Qual é a Bronca?; Direitos do Consumidor; Saúde e Bem-Estar; É D'mais.	Diária (exceto às segundas - feiras)	Pago/R\$ 1,50

Fonte: *Jornal Correio de Popular*, 2014.

Apesar do direcionamento sensacionalista, o diário trouxe um diferencial para o jornalismo da cidade: colocou o cidadão comum em evidência. Incorporou às suas páginas as seções, *Aqui Imperatriz*, *Corneta Popular* e *Qual é a bronca?*, propondo assim, uma produção jornalística com abordagem humanizada.

O periódico buscava maior aproximação com seus leitores, retratando dificuldades, histórias e experiências do cotidiano imperatrizense por meio da seção de colunas, que abordavam personagens simples ou eram assinadas por personalidades e/ou acadêmicos locais. Ao longo de quatro anos de existência, a produção jornalística do *Correio Popular* cumpriu com uma das funções sociais do jornalismo, que é de



informar o público, retratar e interpretar a realidade na qual está inserido (TRAQUINA, 2005).

A jornalista e ex-repórter do *Correio*, Hyana Reis, explica que mesmo com a consolidação do jornal e as significativas transformações ocorridas em dezembro de 2013, o periódico deixou de circular em janeiro do ano seguinte, surpreendendo leitores e os próprios funcionários.

Todo mundo foi pego completamente de surpresa. O jornal tinha aumentado a tiragem, eu acho que uns mil exemplares. Antes era dois mil e tinha passado para três mil. A redação tinha sido completamente reformada porque antes a gente ficava numa sala pequena. Eles reformaram tudo. Recebemos até aumento de salário e férias coletivas. Quando a gente voltou veio a notícia. Então foi algo totalmente inesperado (REIS, 2014).¹⁴

Segundo Reis (2014), no início de 2013 o impresso ameaçava fechar por problemas financeiros, permanecendo apenas a versão online. No entanto, “uma semana depois eles disseram que tinham resolvido o problema e durante um ano o jornal funcionou normalmente”.

Ainda de acordo com Reis, havia uma grande rotatividade de anunciantes, entre eles a Prefeitura de Imperatriz e o Governo do Maranhão. Essa relação entre o jornal e grupos políticos se deu, principalmente, porque um dos proprietários do impresso era o então Secretário de Comunicação do Estado do Maranhão, Sérgio Macedo.

Três meses após o fim da circulação impressa regular, o *Correio Popular* retorna em edição especial no dia 20 de março de 2014, data de inauguração da fábrica da empresa multinacional Suzano Papel e Celulose em Imperatriz. Trazia em suas páginas, exclusivamente, *releases* das assessorias de comunicação da Prefeitura de Imperatriz, do Governo do Maranhão e da empresa. Sobre o episódio Reis comenta:

Ele [Alfredo Wagner, diretor do Jornal Correio Popular] chamou somente a editora-chefe, a Karol Damião. Parece que a Suzano pagou para ter um jornal impresso e eles fizeram somente aquela edição, sem ajuda de nenhum jornalista, somente da editora-chefe. Nenhum de nós foi chamado (REIS, 2015).

Assunção (2011) pontua que a efemeridade é uma das características do jornalismo impresso na cidade Imperatriz. “Durante as minhas pesquisas [um

¹⁴ Entrevista concedida por Hyana Reis, jornalista e ex-repórter do jornal *Correio Popular*, no dia 19 de janeiro de 2015.



mapeamento dos jornais impressos de Imperatriz] percebi que os periódicos duravam pouco. Isso porque, em geral, nasciam para atender algum interesse político, cessada essa necessidade, cessava também sua circulação.”¹⁵

Além de fatores políticos, Assunção aponta como empecilho à autossuficiência de um impresso as questões financeiras, uma vez que, parte da receita de um jornal é obtida através dos anunciantes e as vendas não suprem os gastos com a produção.

Assim como no caso do JB, os motivos que levaram ao fim da versão impressa do jornal *Correio Popular* são especulações que giram em torno de questões administrativas, financeiras e também políticas.

Eles foram muito evasivos em relação ao fechamento do jornal. Mas o que a gente acredita que foi por questões políticas mesmo, porque a política sustenta todos os jornais aqui. Eu acredito que por ter sido um ano eleitoral, mudança de governo, isso influenciou. Mas nada de concreto foi explicado pra gente, somente disseram que eram problemas financeiros. Acredito que tenha sido político (REIS, 2015).

Aos leitores do impresso não foi repassado o que de fato ocorreu, a direção do veículo não prestou nenhum esclarecimento aos assinantes e à sociedade em geral sobre a saída de circulação. O impresso manteve seu conteúdo disponível, por um curto período de tempo, exclusivamente na *web*. A última atualização de matérias da plataforma *online* aconteceu no dia 5 de fevereiro de 2014. Em maio do mesmo ano, o site foi retirado definitivamente do ar.

O *Correio Popular* era um veículo acessível a quase todos os públicos, tanto pelo custo quanto pela linguagem utilizada. Além disso, se constituía como mercado de trabalho para estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Os motivos que culminaram com o fim da circulação do jornal *Correio Popular* ainda despertam especulações, devido à estrutura montada pelo jornal no final do ano de 2013. Acreditava-se que não fosse apenas para suportar as atividades destinadas à produção de conteúdo para *web*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornais trazem impresso em suas páginas, palavras, fotos, contextos, e mais do que isso, a história cotidiana de uma determinada época. Traz o passado para o

¹⁵ Entrevista concedida por Thays Assunção, Pesquisadora de mídia impressa, em janeiro de 2014.



presente, mas não de maneira integral. Faz uma interpretação desse cotidiano que não é única e definitiva, é apenas uma das muitas possíveis.

Ao longo de séculos, a imprensa escrita tem tentado resistir a pressões de cunho político-ideológicas e principalmente financeiras. Com a era da tecnologia e da velocidade da informação, o impresso teve de buscar um diferencial no fazer jornalístico: a abordagem aprofundada dos acontecimentos.

Ao impresso ficou o encargo de levantar questionamentos sociais, fazer matérias contextualizadas, apresentando cenários e interpretações da sociedade, do universo político, econômico, cultural e etc. Após a análise das páginas do jornal *Correio Popular*, foi possível constatar que o impresso seguia um padrão de periódicos impressos que ainda não atendem ao modelo de um jornalismo impresso padrão.

A intervenção político partidária nos jornais de Imperatriz nos remete ao mito da independência dos impressos ao Estado, em que o Estado financia os impressos a fim de interferir diretamente na linha editorial, independência e tempo de vida dos mesmos, amarrando-os a interesses políticos e econômicos.

Assim, o impresso sobreviverá apenas enquanto os seus financiadores estiverem dispostos a mantê-lo vivo. Uma das hipóteses levantadas por esse artigo, e a mais aceitável, é que isso tenha acontecido ao *Correio Popular*, que tinha como principais mantenedores a Prefeitura de Imperatriz e o Governo do Maranhão.

Com a saída de circulação do jornal *Correio Popular*, a cidade conta apenas com um veículo impresso, o jornal *O Progresso*, que é mantido pelos mesmos grupos que financiavam o *Correio Popular*: o Governo do Estado e a Prefeitura de Imperatriz. Além dele, algumas publicações independentes são produzidas por empresas, instituições e sindicatos trabalhistas.

Se a história só existe no presente, porque o passado deixou escritos, a história da segunda maior cidade do Maranhão estará comprometida e atrelada à manutenção de poder dos grupos políticos que hoje financiam o único jornal impresso do município.

Romper com a estrutura de financiamento imposto não nos parece tarefa fácil, e exige muito comprometimento e urgência. É importante avançar no sentido da democratização da comunicação e nos debates acerca do falecimento de tantos jornais país a fora, por questões meramente políticas.

A concentração dos meios de comunicação nas mãos de grupos políticos é uma ameaça à democracia que precisa ser combatida, ou se perpetuará a concepção de que a notícia é apenas uma mercadoria manipulada aos prazeres do poder econômico e



político. É necessário possibilitar ao jornalismo/jornalistas o cumprimento do seu papel em uma sociedade democrática, o de informar o público sem censura.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800 – 1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Um tributo ao Jornal do Brasil**. Postado em 21/12/2010 na edição 621.

Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/um-tributo-ao-jornal-do-brasil>

Acessado no dia 20/01/2014 as 10h00min

MACIEL, Alexandre Zarate. **Aqui Imperatriz!**: perfis de pessoas comuns no jornal Correio Popular. Trabalho apresentado no DT 1- Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro (1986). **O Capital da notícia** – Jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática.

MELLO, Paulo Thiago de. **JORNAL DO BRASIL (1891-2010): O adeus ao Jornal do Brasil**. Postado em 02/09/2010, edição 605.

Disponível em:

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_adeus_ao_jornal_do_brasil

Acessado no dia 10/01/2014 às 10h45min

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. **Gênese da imprensa no Maranhão nos Séculos XIX e XX**. Comunicação e Sociedade. São Bernardo do Campo, Pós-Com-Metodista, a. 29, n. 49, p. 43-64, 2º sem. 2007.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. **Nas linhas de O Conciliador do Maranhão: jornalismo e política no primeiro jornal do Maranhão**. In Comunicação, jornalismo e fronteiras acadêmicas. MATOS, Marcos Fábio Belo. GEHLEN, Marco Antônio (Orgs.). São Luís, EDUFMA, p. 193-211. 2011.